



BEAUGRAND, Honoré.
A canoa voadora. Lendas canadenses. La chasse-galerie. Légendes canadiennes. Edição bilíngue. Trad. Ricardo Antonio Soler e Sylvie Dion. Montréal: Tamam, 2017. 216p. ISBN 978-0-9938932-8-5.

Nubia Hanciau¹

Submetido em 4 de outubro e aprovado em 21 de outubro de 2017.

Escrever é traduzir. Sempre o será, mesmo quando estivermos utilizando nossa própria língua, afirmou José Saramago em

seu *blog* (Julho, 2009). Transportamos o que vemos e o que sentimos para um código convencional de signos, a escrita, e deixamos às circunstâncias e aos acasos da comunicação a responsabilidade de fazer chegar à inteligência do leitor, não a integridade da experiência que nos propusemos transmitir – inevitavelmente parcelar em relação à realidade de que se havia alimentado –, mas ao menos parte do que no fundo do nosso espírito sabemos ser intraduzível.

A tradução de *La chasse-galerie. Légendes canadiennes*, de Honoré Beaugrand (1848-1906), publicada em 1900 e, agora em 2017, em edição bilíngue, lançada na Livraria Vanguarda (Rio Grande-RS), permite que se leia nos países de língua portuguesa uma das mais conhecidas e importantes lendas do Quebec. Trata-se de mais um trabalho que vem contribuir para o estreitamento dos laços literários e culturais que unem há mais de três décadas o Canadá ao Brasil, e vice-versa, ampliando o diálogo entre as vozes daqui e as de lá. Representa ainda uma contribuição significativa para a dinamização dos estudos comparados nos dois países.

Cabe lembrar que no Quebec, na segunda metade do século XX, a constituição

de uma literatura era uma urgência nacional, condição da permanência francesa na América. “Levados pela urgência de dotar sua coletividade de uma literatura nacional na qual todos se reconhecerão, a lenda fornece o material identitário exemplar. Ser de tal nação é ser também de tais lendas” (BERGERON, Prefácio, p. 25). “Episódio heroico ou sentimental, com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo” – definição de lenda segundo Câmara Cascudo –, *La chasse-galerie* e as outras lendas que a seguem nessa coletânea ligam-se à vida de um herói e/ou a um local, como processo etiológico de informação.

A coletânea com suas belas ilustrações tornou-se um clássico da literatura quebequense, sobretudo em razão da célebre lenda que dá título ao livro. Honoré Beaugrand publicou-a primeiro em jornais antes de reuni-la às demais em livro; e, a exemplo do que fizeram muitos antes dele, as histórias colocadas em papel foram primeiramente ouvidas. Bibliófilo, foi ele o responsável pela editoração e distribuição a seus amigos dos duzentos primeiros exemplares, publicando também uma versão em inglês nesse mesmo ano (1900).

A história é a de oito lenhadores que, na noite do Ano Novo, em 1858, decidem pactuar com o diabo prometendo-lhe entregar suas almas se ele os transportasse voando a bordo de uma canoa (*la chasse-galerie*), de Gatineau a Lavaltrie, onde residiam suas amadas. Mas o pacto era um pouco mais complicado: o combinado era que não fossem proferidas injúrias durante a viagem, cuidando ainda para não bater nas cruzes dos campanários das igrejas encontradas no trajeto. Mais do que isso, deveriam regressar sem falta antes das dez horas do dia seguinte, pois, se assim não o fizessem, arriscariam sua salvação eterna. Embarcados na canoa, os lenhadores percorrem então as duzentas léguas nos céus. Leiam a lenda para saber se terão sucesso nessa proeza!

Haveria muitas versões, bem diferentes umas das outras, mas a mais conhecida e que tem forte cor local quebequense, tornando-se célebre e eclipsando todas as outras, é a de Honoré Beaugrand, com ilustrações de Henri Julien e Raoul Barré. Na verdade, a história tem origem em uma lenda francesa da região de Poitou. Nesta, um nobre rico gostava tanto de caçar que, em benefício dessa prática, decidiu um dia não ir à missa

de domingo e, por isso, foi condenado a vagar no céu, perseguido por cavalos a galope e lobos uivantes. Colonos franceses que se instalaram no Canadá misturaram essa narrativa a um dos mitos ameríndios a respeito de uma canoa voadora. A edição francesa original foi acrescida de outras narrativas retomadas na tradução bilíngue, na seguinte ordem: *La chasse-galerie*/A canoa voadora; *Le loup garou*/O lobisomem; *La bête à grand'queue*/O bicho do rabo grande; *Macloune*/Macloune; *Le père Louison*/Seu Louison; *Le fantôme de l'avare*/O fantasma do avarento. Para Bertrand Bergeron (1948), premiado autor quebequense, especialista em tradição oral, autor de contos, lendas e novelas em periódicos quebequenses e europeus, e autor do prefácio da tradução aqui apresentada, quatro dentre as seis narrativas se destacam pelo gênero lenda – narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. Por outro lado, as outras duas, *Macloune* e *Le père Louison*, misturam à lenda a anedota rural, que estuda os costumes dos camponeses.

No excelente e elucidativo prefácio (p. 12-49), traduzido por Ricardo Soler, B. Bergeron reforça ainda que a narrativa fazia parte da bagagem imaterial trazida

da França ao Quebec pelos primeiros colonos, originários de Poitou, embora haja controvérsias. Há quem sustente que essa lenda é originária da Vendée, Bretanha ou mesmo de Saintonge. O que se sabe é que em seu país de origem ela conta o castigo recebido pelo senhor Gallery, que preferiu caçar em vez de assistir à missa, contrariando o terceiro mandamento da Igreja (“Os domingos tu guardarás/Servindo a Deus devotamente”); e o segundo mandamento (“Assistirás à missa aos domingos/ e dias de festa”). Ao recusar voltar ao ofício divino, Gallery viu-se condenado a errar no firmamento durante a noite com sua matilha, propondo à reflexão popular matéria para meditar a respeito das consequências nefastas da transgressão.

Bertrand Bergeron no texto “No reino da lenda” explora as diversas categorias de narrativas orais para nos oferecer mais uma definição apurada da lenda. Para ele “a lenda é um relato oportunista que sabe tirar proveito da aptidão natural do homem de crer espontaneamente, de sua intimidade com o invisível e de sua familiaridade com o sobrenatural”.²

O que se pode dizer é que entre as seis narrativas da coletânea *La chasse-galerie*, quatro são fantásticas, duas

realistas; e que Honoré Beaugrand as conta muito bem, tanto umas quanto as outras. O desafio de um bom contador é o de dar certa verossimilhança aos acontecimentos sobrenaturais insinuando uma dúvida razoável, sem com isso matar o sobrenatural, nervo da intriga. É o que Beaugrand faz. Em suas narrativas a bebida jorra em abundância, as histórias acontecem à noite ou em plena tempestade, em lugares isolados; e aconteceram há muito tempo, logo são dificilmente verificáveis. Por outro lado, para dar credibilidade ao narrado, o narrador participa dos acontecimentos como ator ou testemunha. Assim o leitor, se aceitar o pacto de leitura, é mantido na dúvida até o final. De caráter fantástico e/ou fictício, as lendas combinam fatos reais e históricos com fatos irreais que são meramente produto da imaginação aventureira humana. Uma lenda pode ser também verdadeira, o que é muito importante e próprio à tradição oral.

Se “O lobisomem” e “O bicho do rabo grande” aproximam-se às práticas ligadas ao ciclo pascal e aos seus imperativos categóricos, entre eles comungar antes da Páscoa, “Macloune” afasta-se dessa perspectiva para abordar os costumes dos camponeses e os amores proibidos. “Seu Louison” ilustra de maneira exemplar os

marginais que se declaram indignos da sociedade que os tolera à margem de seu ecumenismo. Com o final aberto, teria Louison de fato morrido, ou simulado sua morte? Esta história, como muitas outras, permanece no espírito do leitor, mesmo depois de terminada a leitura.

Em nome da Editora Tamam (Montreal), a cuidadosa impressão de *A canoa voadora. Lendas canadenses* é da gráfica Evangraf (Porto Alegre), em uma primeira edição original que compreende a tiragem limitada de setenta e cinco exemplares, numerados e assinados pelos professores organizadores do trabalho, Sylvie Dion e Ricardo Antonio Soler. Além dos dois, mobilizaram-se igualmente para a concretização da publicação: Adalberto de Oliveira Souza, Luís Cláudio Ferreira Silva, Marco Antônio H. Teles e Rogério Francisco da Silva, que se ocupam das traduções, revisadas por Adalberto de Oliveira Souza, Danieli de Quadros, Ricardo A. Soler e Sylvie Dion, estes dois últimos responsáveis pelas notas finais. A revisão linguística é de Fabiane Resende.

O *layout* é cuidadoso, o original e as traduções do francês para o português vêm lado a lado, o que leva o leitor advertido a estabelecer inevitáveis confrontações

entre as duas versões. A distribuição do texto no espaço da página, os recuos, os brancos entre palavras, o uso de iniciais maiúsculas ou minúsculas, a pontuação ou ausência de pontuação, entre outros procedimentos, revelam cuidados que certamente representaram um desafio para os tradutores frente a obstáculos muitas vezes difíceis de transpor.

É oportuno lembrar que paratextos que acompanhassem o texto principal e antecipassem por exemplo o prefácio enquadrando o projeto do trabalho propriamente dito, ofereceriam informações de teor histórico, pragmático, e até mesmo estético-literário, subsidiando de modo relevante a leitura.

Ao final, as seis páginas com sessenta e quatro notas explicativas revelam a trajetória e a experiência do professor Ricardo Antonio Soler, cuja tese doutoral, intitulada “De *La Chasse-Galerie* à *Canoa Voadora*: quase a mesma lenda: leitura sob o olhar de um brasileiro”, defendida na Universidade de São Paulo em 2013, aponta para a origem da tradução, seu processo e as dificuldades a partir da análise de justamente *La Chasse-Galerie*, do franco-canadense Marie-Louis-Honoré Beaugrand. Lê-se no resumo da tese seu objetivo, o

de “mostrar as diferentes marcas culturais e linguísticas presentes na citada obra e os caminhos percorridos para encontrar uma tradução capaz de transpor, a partir da língua-alvo, os mesmos significados e os mesmos sentimentos expressados na língua de partida, sem que a obra parecesse estrangeira aos olhos do leitor”.

Ainda, quanto à tradução, quem desconhece o processo quase sempre trata o tradutor como mero conhecedor de dois ou mais idiomas. Mas é sabido que traduzir vai muito além disso. Na verdade, da língua que se parte àquela a que se chega são muitos os perigos a ameaçar a viagem. Nas águas que separam duas línguas exige-se a proeza de não deixar perceber as distâncias que existem. O tradutor, “barqueiro” atravessador do rio, “possibilita o acesso não só à obra literária gerada em outra língua, mas a costumes e princípios que o texto, traduzido, veicula”, escreveu Tânia Carvalhal.

Nessa dura travessia, o tradutor mais do que traduz: ele constrói pontes entre a imaginação do autor e a do leitor, operação difícil se considerarmos o desgaste que sofre não apenas pelo trabalho, mas especialmente pela emoção. Quanto ao conceito de fidelidade, ele tem a ver com o que diz Umberto Eco, ou seja, com a

convicção de que a tradução é uma das formas de interpretação que deve sempre visar à intenção dos textos, aquilo que é dito ou sugerido e o contexto cultural em que nasceu, em relação à língua em que é expresso (Umberto Eco).

A prática acadêmica e a visão transcultural que subjazem na tradução de A canoa voadora, texto fundamental para o entendimento do lendário quebequense, as relações com a história, a cultura e a literatura promovem o profícuo diálogo entre o norte e o sul das Américas, constituindo-se em material importante para os pesquisadores interessados nas relações culturais e literárias interamericanas.

*

Algumas derivações contemporâneas de *La chasse-galerie*/A canoa voadora.

No parque La Ronde, em Montreal, até o ano de 2016, uma das atrações familiares evocava essa lenda. Fazia-se o percurso em uma embarcação em forma de tronco cavado, denominado *pitoune*, madeira flutuante, no Canadá francófono. Uma representação do barco com os lenhadores e o diabo figurava no anúncio da atração. A cervejaria quebequense *Unibroue* representa por sua vez essa lenda no rótulo de uma de suas cervejas, *La*

Maudite (A maldita). Nele se vê o desenho dos lenhadores em sua canoa voadora. Uma canção de Gabriel Yacoub, interpretada pelo grupo Malicorne, intitula-se *La Chasse-galerie* e conta sua história; o título saiu do álbum *Le bestiaire*, em 1979 (reaparece também no álbum *Légende*, em 1989). A canoa voadora é igualmente tema de canções de Claude Dubois, Michel Rivard e Éric Lapointe. Na literatura, dois romances abordam o tema: *L'armée furieuse*, policial da autora francesa Fred Vargas, publicado em 2011; e *L'Ensorceleuse de Pointe-Lévy* (Prix Boréal), de Sébastien Chartrand, publicado em 2013. Um filme quebequense, *Chasse-Galerie: la légende*, pode ser visto no cinema a partir de 2016.

Referências

- CARVALHAL, Tania Franco. O próprio e o alheio. Ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, p. 219.
- CASCUDO, Luis da Camara. Dicionário do folclore brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 434-5.
- ECO, Umberto. Quase a mesma coisa: experiências de tradução. São Paulo: Record, 2007, p. 63.

Notes

- ¹ Professora Aposentada da FURG, Rio Grande, RS. Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras, História da Literatura. nubiajh@gmail.com
- ² Apresentação em HANCAIU, Nubia; DION, Sylvie

(org.). *A literatura na história. A história na literatura. Textos canadenses em tradução.* Rio Grande: Ed. da FURG, 2013. 245p. ISBN 978.85.7566.272-4.
Grande do Sul (UFRGS). barbosagiliard@gmail.com